

ENSAIO

As Ciências Humanas e o Tempo Presente: Uma Abordagem do Ponto de Vista da Filosofia e da História¹

Michael Zaidan
(Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

1 Introdução

Há, precisamente, cinco anos, tive a grata satisfação de participar do exame de uma tese de Doutorado em Filosofia, na Universidade Federal de Pernambuco, de autoria de um talentoso e inspirado professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Francisco Ramos Neves, intitulada: “A metafísica do presente”². (Preciso confessar que fui influenciado por este trabalho, quando publiquei as minhas crônicas sobre os

¹ Estas reflexões surgiram de uma palestra ministrada a professores, num curso de extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco, intitulada: “Arte, História e Filosofia”. O trabalho aqui apresentado é um desenvolvimento daquelas ideias iniciais. Cf. o texto original: “Sobre o conceito de mimesis na Teoria da História”. Reflexões sobre a História. São Paulo, Porto de Ideias, 2018.

² A tese de Doutorado em Filosofia, do professor Francisco Ramos Neves, foi defendida no Programa interinstitucional de Pós-graduação em Filosofia, na Universidade federal de Pernambuco, e orientada pelo saudoso professor Juan Bonaccini, especialista em Hegel e Kant.

movimentos de rua de 2013 no Brasil- A metafísica dos movimentos de rua.)

A tese, eivada de um tom poético-literário, bem na linha da razão sensível de F. Schiller, I, Kant, H. Marcuse e W. Benjamin buscava desenvolver uma proposta apresentada pelo filósofo alemão-judeu sobre a necessidade de alargar o conceito de experiência para além de uma estreita compreensão físico-matemática, que abrangesse o âmbito dos sentimentos, valores e emoções³. Esta proposta – ligada à vivência nietzschiana do jovem Benjamin⁴ – chamou-me a atenção para um conceito de tempo, experiência e linguagem que um estudioso benjaminiano brasileiro (Flávio Kothe) denominou de “transtemporalidade” ou, para usar o vocabulário de Nietzsche, “Atualização”⁵. Isto é, uma fusão de horizontes temporais, onde o presente se projeta sobre o passado e o passado se realiza no presente. O conceito alemão fala em “*Jetztzeit*” (tempo do agora, ou tempo da recognoscibilidade).

Dizia o filósofo que o trabalho do pensador é salvar o passado antes que ele seja apagado da memória das gerações seguintes, pela enésima vez. Tarefa que impõe ao estudioso da Filosofia e da História o desafio de atualizar nos dias de hoje as utopias e os sonhos das gerações passadas, sob o risco de sermos cúmplices da

³ Autores alemães que desenvolveram uma linha de reflexão filosófica próxima de um conceito de razão sensível, na direção de Nietzsche, Bérgrson, Merleau-Ponty etc. Sua origem é o romantismo alemão. Suas grandes expressões são Kant e Schiller. Contemporaneamente Walter Benjamin e Herbert Marcuse.

⁴ Cf. Walter Benjamin. Prolegômenos a uma nova filosofia vindoura da experiência.

⁵ Cf. Flávio Kothe. “História e Alegoria”. Para ler Benjamin. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974.

barbárie do tempo presente⁶.

Sobre o conceito de transtemporalidade.

O conceito de transtemporalidade, que carrega tinturas proustianas, rompe com aquilo que o nosso pensador chamou de visão homogênea e vazia do tempo, para instaurar uma nova temporalidade histórica da humanidade. Um conceito messiânico de tempo que olha para trás e se indigna com o sofrimento e a injustiça dos antepassados e se incumbe de recolher as suas esperanças para realiza-las no tempo do agora – no “*Jetztzeit*”. Naturalmente esse exercício de citação, rememoração do passado tem algo de destrutivo, de iconoclasta, ao revirar pelo avesso a escrita da História e lhe dar outro significado⁷.

Sobre o conceito de alegoria

Com isto, estamos falando de signos ou sinais que chamamos de alegóricos. A alegoria é a forma de expressão da ressurreição⁸. Ela utiliza os cacos, os fragmentos e restolhos da linguagem corriqueira para comunicar um conteúdo destoante dos valores da Ordem Dominante. A alegoria é uma criptografia da libertação. Transmite conteúdos censurados, proibidos pelos guardiões da moralidade, do direito e da lei positiva. Porém, nem todos estão à altura da sua inteligibilidade. Só

⁶ Cf. Flavio Kothe, idem. E Walter Benjamin. “As teses sobre a filosofia da História”. Magia, técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1985. O conceito de “tempo messiânico” se opõe ao de “tempo homogêneo e vazio”. Ou seja, a concepção positivista do tempo histórico.

⁷ Cf. Michel Zaidan Filho. Para as implicações filosóficas e historiográficas do conceito de “citação”. A crise da razão histórica. Campinas, papiros, 1989

⁸ Cf. Walter Benjamin. A origem do Drama barroco alemão. São Paulo, Brasiliense, 1985.

os novos” bárbaros” podem interpretá-la. A eles se destina o seu conteúdo iconoclasta. Ler a História pelo avesso, de ponta cabeça. Este é o regime de leitura da linguagem alegórica. Que só é permissível aos que não se conformam com o atual estado de coisas reinante.

Sobre o conceito de mimesis

Mas este regime de leitura (alegórica) está associado a um outro tipo de mimesis, atividade mimética, agora não mais entendida como mera reprodução do real, representação realista do mundo, das ações ou das pessoas. Aqui nos despedimos de uma compreensão estreita do realismo aristotélico, para liga-lo à representação das virtualidades do real, ao seu “vir-a-ser”, à suas possibilidades-de-ser. Como diria Ernest Bloch o “não ainda”, mas que está contido (*in nuce*) no ser, como potência do ser⁹. A mimesis dos nossos jovens e futuros pensadores não pode se comprometer em ser uma mera racionalização daquilo que é, mas uma subversão consciente, através da atividade mimética, daquilo que pode vir-a-ser. Não enxergar as virtualidades contidas no modo ser seria incorrer no alto risco de uma justificação das relações de forças existentes, e de conceber o mundo como obra feita, conclusa, não passível de mudança ou transformação. Ora, o trabalho do filósofo é questionar o atual equilíbrio de forças existente e criar, pelo pensamento mimético, um novo equilíbrio, num movimento sem fim. Esta é a “mimesis” que se coaduna com uma “metafísica do presente”, para poder se contrapor ao filisteísmo das nossas universidades, submetidas como estão a uma modalidade de taylorismo

⁹ Bloch, E. *O espírito da Utopia*. Rio de Janeiro, Ed. Da UFRJ.

intelectual, pouco preocupado com o caráter social e coletivo do saber. Saber retórico, diria o filósofo do martelo, sem nenhuma utilidade para a vida¹⁰.

Conclusão – parte 1

Escrevo essas palavras, ante a contemplação indignada diante do rancor e o irracionalismo dos atuais dirigentes educacionais do país, sobretudo em relação às humanidades e, à filosofia em particular. Vamos incumbir aos nossos jovens de manter acesa a chama do pensamento autotransformador em face de um conceito tão mesquinho de “experiência”. (Quero me referir `atual diretriz do MEC de aligeirar o perfil acadêmico dos estudantes, no sentido de excluir as humanidades do currículo de formação, e direcionar o ensino para atividades profissionais. A propósito, veja-se o projeto: “Future-se” e a última portaria do ministro intervindo na autonomia universitária).

2 O papel da Filosofia

O novo ministro de Estado da Educação, mestre em Administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, Abraão Weintraub, afirmou que sua prioridade à frente do ministério é o combate ao que ele chama “marxismo cultural” nas universidades brasileiras. Indicado pelo astrólogo e jornalista Olavo de carvalho, disse o novo ministro que é preciso combater os preconceitos antissemitas dos nordestinos e transformar o ministério

¹⁰ O conceito de “filisteísmo” é de Nietzsche, na Genealogia da moral, e cabe como uma luva na definição dos princípios que regem a universidade brasileira (o currículo Lattes). O jovem Benjamin, retoma em seu artigo “vida de estudante” as reflexões críticas do filósofo alemão, mesclando-as com o anarquismo soreliano.

num excelente instrumento de parcerias e acordos com o estado de Israel, sobretudo no que tange à agricultura em região semiárida e irrigação. O gasto de tempo e dinheiro com o ensino de filosofia, sociologia e História para os estudantes do ensino superior seria uma pura perda de capital humano e social numa região pobre e maltratada pelo flagelo das secas. Imagine o que pensaria o senhor Weintraub da contribuição recente de um docente de filosofia da UFPE para uma nova coletânea sobre o filósofo francês Rene Descartes? – Ou os cursos, seminários e publicações sobre a Escola de Frankfurt e seus pensadores?

Mas o que é o “marxismo cultural”, alvo da cruzada pedagógica do novel ministro da Educação? Esta expressão quer designar aquilo que conhecemos como “o marxismo ocidental, para se diferenciar ou se contrapor ao” marxismo soviético”. Seus principais fundadores foram: Georg Lukacs, Ernest Bloch e Karl Koch. E a fonte prístina desse movimento foi o livro seminal da juventude de Lukacs: “História e consciência de classe”. Suas fontes de inspiração: Hegel e Marx. Suas categorias básicas: consciência, dialética e totalidade. O denominado “marxismo cultural” é uma corrente de ideias que resolveu fazer a crítica da cultura, no capitalismo tardio, da mesma forma que Marx teria feito a crítica da economia burguesa.

Utilizando as categorias da filosofia hegeliana, a tese desses autores era aplicar a dialética, a *práxis* e o conceito de totalidade aos fenômenos da cultura moderna e contemporânea, vendo aí os entraves políticos e ideológicos para a transformação da sociedade. Neste ponto, avultam-se, pela importância, os conceitos de alienação, reificação, produzidos pela mercadoria, a divisão técnica e social do trabalho e a generalização do

dinheiro, como equivalente geral. Num contexto de sofisticação dos meios de dominação e manipulação das necessidades humanas, essas categorias filosóficas pareciam abandonar o chão da fábrica para abrangerem os paraísos “*higtec*” em que se tornaram as sociedades (de consumo) dos países capitalistas mais avançados.

Para além da crítica puritana e ascética ao hedonismo dessas sociedades de consumo, onde todos podem “democraticamente” comprar o que quiserem para apascentar sua angústia, os críticos culturais neomarxistas consideram o caráter desumano (coisificante) da generalização desse acesso facilitado aos bens de consumo, não pelo consumo em si, mas pela permanente criação de novas necessidades e a obsolescência calculada das mercadorias compradas. Processo este tão bem descrito pelo poeta Carlos Drummond e Andrade no verso “Eu-etiqueta” e terrivelmente ilustrado por Franz Kafka (não Kafta), no conto “a metamorfose”.

Curiosamente, o “marxismo cultural” foi responsável pelo resgate filosófico do humanismo marxista, diante da representação das ideias de Marx como sendo um discurso anti-humanista ou de uma história sem sujeito (Louis Althusser). Todo o trabalho de autores como Agnes Heller, Lukacs, Bloch, Benjamin, Fromm e outros, de apresentar uma espécie de um humanismo marxista ou uma espécie de humanismo marxista ou antropologia filosófica marxista foi totalmente ignorado ou menosprezado por estes apóstolos neoliberais do mercado desregulado.

A ideia perversa de interditar o debate filosófico sobre o caráter alienante e desumano da cultura contemporânea nas universidades públicas, agora transformadas em meras incubadoras de empresas e

empreendedores ou mão-de-obra para o mercado, parece se assemelhar à famosa frase do ministro de Hitler, que disse uma vez: “quando ouço falar em cultura, tendo a vontade de puxar o revólver”. Entende-se porquê. A reflexão filosófica pode não ajudar a empregar precariamente os 14 milhões de desempregados no Brasil, mas pode colocar em questão o atual regime de terror implantado entre nós pelos amigos dos milicianos do Rio de Janeiro.

Para que serve a filosofia, a sociologia, a história, finalmente? – Para nós dá uma perspectiva crítica. Contextual e denunciatória da catástrofe que se abateu sobre o povo brasileiro, a partir do golpe parlamentar de 2016.

As ciências humanas e hermenêuticas não são uma alavanca para perfurar poços, cacimbas, riachos etc. Mas são ferramentas indispensáveis à autonomia, a liberdade, à individualização dos seres humanos. Pode não contribuir para a acumulação do capital ou auferir lucros no mercado financeiro, mas ajudam a construir um mundo de cidadãos e cidadãs mais livres e iguais (mesmo em suas diferenças).

3 A Universidade Filisteia

A expressão “filisteísmo acadêmico” deve-se acriticamente ao filósofo Friedrich Nietzsche ao sistema universitário alemão de sua época. Dizia ele que os pensadores da sua geração só se preocupavam com a carreira e as conquistas profissionais que ela podia proporcionar. Saberes retóricos, sem nenhuma importância para a vida. A estes, teria consagrado Goethe a sua famosa frase: “cinzenta é toda teoria, verde é a árvore da vida”.

Essas considerações vieram à tona no momento em que se cogita no MEC de extinguir o sistema de avaliação da carreira acadêmica, através de consulta e alimentação da chamada “plataforma Lattes”, procedimento penosamente aperfeiçoado pela CAPES e CNPq. Quero dizer, inicialmente, que sempre tive muitas reservas a esse sistema de avaliação do trabalho docente. Como estudante de Filosofia, desde os meus tempos de colegial, nunca apreciei os critérios quantitativos, cartoriais dessa maneira de julgar o conhecimento produzido no âmbito das universidades brasileiras. Denominei esse método de “Taylorismo acadêmico ou produtivismo universitário”. Avaliar pela quantidade, expressa em certificados, declarações e publicações. O nosso atual ensino de graduação está escorado nesse tipo de julgamento. Ou seja, pouco importa a relevância social desse conhecimento.

Apesar dessas críticas, nada justifica o ódio ao conhecimento, as universidades públicas e aos professores do ensino superior, demonstrado pelo atual governo, por meio de seus gerentes e prepostos. A disposição do atual ministro da Educação em substituir a militarização das escolas por parcerias público-privadas com as fundações empresariais e religiosas é muito grave, não só pelo progressivo desfinanciamento público da educação (através de mecanismos de desvinculação das rubricas constitucionais), mas sobretudo pelo caráter instrumental, técnico, pragmático de um tipo de educação – de perfil aligeirado – para um mercado de trabalho em tempos de crise e precarização. Educação para a exploração selvagem e irrefreada da mão-de-obra barata.

Esta investida contra a Plataforma Lattes pelos atuais gestores da educação no Brasil se configura uma

manifestação grosseira demais raso anti-intelectualíssimo a serviço dos interesses do mercado, sobretudo das empresas privadas de educação e treinamento profissional da mão-de-obra. Ela vem se somar àquela outra declaração da desnecessidade dos nordestinos estudarem filosofia, História e Artes.

Para os filhos da elite econômico e social, um tipo de educação integral e humanista. Para os filhos do povo, outra. E assim vai se reproduzindo a desigualdade de classes no Brasil.

Michel Zaidan

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor-Titular do centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência na área de História e Ciências Sociais, com ênfase em Teoria e Filosofia da História, Teoria Política, atuando principalmente nos seguintes temas: teorias da democracia; Comunismo, Política, Brasil, Democracia e Política.

E-mail: mzaidan@bol.com.br

Submetido: 20/11/2019

Aprovado: 15/12/2019